

“Jaú dos Bois e Outros Contos” de Aleilton Fonseca ou Como Fazer do Conto uma Obra de Arte

Dominique Stoenesco

No número 10 de *Latitudes* (dezembro 2000), p. 79, ao apresentarmos a revista Iararana, editada em Salvador, tivemos a oportunidade de citar o nome de Aleilton Fonseca, co-editor da revista. Desta vez, temos o privilégio de apresentar *Jaú dos Bois e outros contos*, um livro no qual Aleilton Fonseca reúne cinco histórias: coisas que acontecem todos os dias, boas ou más, banais, inesperadas, agradáveis ou dolorosas, mas de quase todas sempre registramos um pormenor, um som, uma cor, um eco, uma memória.

Aleilton Fonseca nasceu em 1959, “num lugarzinho do interior baiano, uma manchinha de casas escondida entre roças de cacau”, e atualmente reside em Salvador. É poeta, contista, ensaísta e professor universitário, leciona Literatura brasileira na Universidade de Feira de Santana (Estado da Bahia), com doutorado pela Universidade de São Paulo. Publicou, em poesia, *Movimento de Sondagem* (Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981), *O Espelho da Consciência* (Gráfica da UFBA, 1984) e *Teoria particular (mas nem tanto) do poema* (Edições D’Kasa, São Paulo, 1994). Também publicou um ensaio: *Enredo romântico, música ao fundo* (Sete Letras, Rio de Janeiro, 1996). Está finalizando, em homenagem a Guimarães Rosa, uma novela intitulada *Nbô Guimarães: estórias gerais* e, paralelamente, está em preparo a edição do seu novo livro de contos, “*O desterro dos mortos*”. Acrescentamos ainda que Aleilton Fonseca é colaborador de diversas revistas e suplementos de jornais, como *A Tarde* (Salvador), *Jornal da Tarde* (São Paulo), nos quais já publicou inúmeros contos, poemas, artigos e resenhas.

Jaú dos Bois e outros contos, publicado em 1997 pela editora

Relume-Dumará, Rio de Janeiro, é o último livro de Aleilton Fonseca, que mereceu o Prêmio Cultural de Literatura promovido pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, em 1996. São cinco contos que se lêem de um fôlego, que se enraizam numa experiência pessoal, têm algo de autobiográfico, mas que não se limitam à descrição objectiva dos elementos naturais. Melhor, Aleilton Fonseca cria um ambiente, poético, lírico, real



Aleilton Fonseca

ou imaginário, fruto da própria observação do narrador-personagem: “*Da infância guardo certas imagens: boiada passando, casas-de-farinha, gente cultivando. Depois viajei para cidades longes. Aprendi o mundo. Segui o curso da vida e danei a contar estórias conforme as leituras, as vivências e a imaginação*”.

O primeiro destes contos intitula-se *O avô e o rio*. Com efeito, trata-se aqui da luta permanente de um homem, trabalhador e generoso, querendo “*ganhar o terreno contra as marés*” e contra as enchentes de um rio para poder cultivar um pedaço de roça. E entre os dois, o neto, desempenhando o papel de ajudante e aprendiz da vida. A fina relação psicológica que o autor estabelece entre o velho e o meni-

no confere grande coerência e autenticidade à narrativa. Admiramos neste conto o talento de Aleilton Fonseca quando descreve a natureza, com lirismo e sensualidade, ou quando evoca o labor do homem ou a morte, com realismo e precisão.

Toda a narração do segundo conto, *O sorriso da estrela*, gira em torno da morte e do velório de Estela, 13 anos, irmã de Pedro, narrador-personagem. Aqui, a morte funciona como elemento desencadeador de sentimentos frustrados: “*Pela primeira vez, eu dialogava com a minha irmã*”. Porque Pedro tinha o coração duro, nunca sorria para a irmã. Notemos as relações “*Pedro/coração duro*” e “*Estela/estrela*”, como se, conforme certas crenças africanas, o nome guardasse a essência do indivíduo. Na hora da morte da irmã, Pedro lembra, com remorsos, que ela queria lhe dar uma estrela se ele sorrisse para ela (e aqui pensamos no *Petit Prince*, de Saint-Exupéry: “*e você pode possuir estrelas?*”). Os preparativos do enterro de Estela constituem neste conto uma demonstração de extrema perfeição técnica da parte do autor. Com efeito, tal como numa composição cinematográfica, feita de planos breves e sucessivos, Aleilton Fonseca constrói rigorosamente a progressão espacial e temporal da sua narração, imprimindo-lhe simultaneamente um contexto psicológico próprio: “*As pessoas iam chegando, a hora do enterro se aproximava. Madrinha apagou os quatro tocos de vela acesos ao redor de Estela. Começaram a distribuir os ramos de flores para o acompanhamento. Eu reparava nos meninos e nas meninas que se acotovelavam para ver a morta. Alguns que sempre zombavam dela. Uns me pareciam tristes, outros apenas viviam uma*

Obras recebidas na redacção

LIVROS

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio: *Viagens na Minha Era (dia-crónicas)*, Lisboa, Temas e Debates, 2001, 196 p.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho: *Território, Povoamento e Sociedade: Estudo Monográfico (Monte Redondo)*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001, 208 p. + ill.
- Centre Culturel Angolais: *La Société en Angola, Ethnies et cultures*, Colloque de Paris 4 juin 1999, Editions du C.C. de Angola, 142 p.
- GALLET, Dominique: *São Tomé et Príncipe, les îles du milieu du monde*, Paris, Karthala, 202 p. cartes.
- LYRA, Pedro: *Vision de l'Être (Visão do Ser)*, anthologie poétique bilingue, organisation, étude et traduction du texte final par Catherine Dumas, Paris, L'Harmattan/Topbooks/Fundação Cultural de Fortaleza, 2000, 258 p.
- RÊGO, André Heráclio do: *Mémoires d'un malin-malingre*, roman épique, mémoriel, épique, picaresque et scatologique, préf. Idelette Muzart-Fonseca dos Santos, tradução de Monique le Moing, Paris, L'Harmattan, 160 p. in-8°
- ROSA-MENDES, Pedro, *Baía des Tigres*, trad. Jacques Thiériot, Paris, Métailié, 2001, 336 p.
- SILVA, Porfírio Pereira da : *Pambahamgumbo (Folhas Soltas)*, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 2001, 112 p. in-8°
- TORRAL, Adosinda Providência e Botelho, Clotilde Correia, organ. e nota prévia de: *Lisboa com Seus Poetas*, colectânea de Poesia sobre Lisboa, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, 339 p. ill.
- VENÂNCIO, Fernando: *José Saramago, a Luz e o Sombreado*, Porto, Campo das Letras; Campo da literatura/ensaio, 2000, 132 p. (reunião de 12 artigos publicados em revistas).
- VEIGA, Cláudio: *Um Brazilianista Francês - Philéas Lebesgue*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1998, 185 p.

REVISTAS

- *Finisterra*, n° 38, Abril 2001, dir. Eduardo Lourenço.
- *Ibis*, revista jornalística literária da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, n° 1 (2000); n° 2 (2001); dir. Porfírio Pereira da Silva.
- *Lusotopie*, Enjeux contemporains dans les espaces lusophones, 2000, Lusophonies asiatiques, Asiatiques en lusophonies, Paris, Khartala, 764 p.
- *Quadrant* n° 17-2000, CRLLP, Université de Montpellier - dir. M. Roig.
- *Recherches en Anthropologie au Portugal*, n° 6 -2000, revue annuelle du Groupe Anthropologie du Portugal, Paris, numéro spécial auteur: Benjamim Enes Pereira, 184 p.

aventura. *Eu me sentia completamente afastado de todos.*”

No conto *O casal vizinho*, com um humor subtil e uma finíssima ironia, Aleilton Fonseca expõe os perigos que correm os cônjuges (“*Seu Cândido e sua jovem mulher, a terceira ou quarta de suas tentativas*”), cansados de tantas brigas e já incapazes de discernir “*os limites do jogo e da realidade*”. Por vezes, assistimos neste conto a cenas de um verdadeiro espectáculo teatral popular, dignas de uma *commedia dell'arte*, com jogos de cena e trocadilhos. O público, os vizinhos (aqui o narrador e seu irmão) também participam, querem dar conselhos (“*Seu Cândido, ela quer ficar!*”) quando o marido se encontra em apuros, temendo a ameaça de Lúcia, sua mulher, de nunca mais voltar para casa, porque para ela “*era ir-se ou estar submissa para sempre*”. A situação torna-se trágico-cômica quando a mulher, depois de ter executado a ameaça de partir, regressa novamente ao lar conjugal... mas para ver o cachorro. O cachorro é a única esperança de Seu Cândido: “*...talvez nos próximos dias Lúcia viria de novo para ver o cachorro*”. Esperança também para os dois jovens vizinhos que através das frinchas da cerca assistiriam ainda àquelas deliciosas “*noites de calor!*”.

Em *Amigos, amigos*, um casal convida um antigo amigo. Este chega em boa hora, pois o casal andava em “*tantos desgastes de brigas e desgostos, já falavam em separação*”, que a vinda do amigo deveria trazer um pouco de alegria, lembrando passeios e festas, no tempo em que eram solteiros. Alguns *flash-back* discretos informam-nos sobre os sentimentos do amigo recém-chegado por ela. Mas naqueles anos, entre o “*amor idílico e o amor cotidiano*” ela escolhera o segundo, casara-se. E agora, dez anos depois, “*era o fio da mesma história que se retomava. O amigo se apresentava, seus olhos reatavam aqueles nós, como se tentando um novo enredo*”. Também neste conto, e de maneira muito oportuna, Aleilton Fonseca apela aos recursos teatrais (cenários,

luzes, cortinas, palmas) para elaborar a progressão da acção.

O último conto empresta ao livro o título, *Jaú dos Bois*. Tendo como fundo o interior agrícola baiano, com seus modos de subsistência tradicionais, a história aqui contada é uma belíssima metáfora da vida: um primo da cidade efectua uma difícil viagem de ônibus para ir ver o velho primo da roça, doente. É uma viagem em busca dos seus, em nome da memória e da fidelidade: “*eu cumpria um dos últimos desejos de meu pai*”. Enquanto o primo cidadão esperava na estação onde chegara, ia lembrando-se da primeira viagem que fizera. Curto *flash-back*. Numa linguagem oral, com um léxico e um falar populares, a autor restitui uma admirável autenticidade a sua personagem. Jaú lidava com os bois, trabalhava para um fazendeiro. Um dia os bois foram vendidos a um açougueiro e desde então Jaú nunca mais pôde se consolar com a morte dos seus animais. Fim do *flash-back*. O primo chega finalmente à casa de Jaú, tarde demais: “*Prá lá fica o cemitério, se o senhor se apressar ainda pega o enterro*”, diz-lhe uma vizinha. Um quadro com a foto de Jaú ao lado dos bois foi o único legado que o primo pôde levar.

Numa prosa simples e elegante, num rigor estilístico invulgar, e com ingredientes vários oferecidos pelo cotidiano, as páginas deste pequeno livro sucedem-se, irresistíveis. Aleilton Fonseca fixa cenas e tipos do interior rural ou da cidade, com grande sensibilidade artística e humana, acompanhada por uma subtil análise psicológica. A linguagem de *Jaú dos Bois e outros contos* exprime uma metáfora da vida, e nisso tem um carácter universal. Ansiamos pela publicação do próximo livro de contos de Aleilton Fonseca, *O destino dos mortos* ●

